

As relações entre a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), a Academia Capixaba dos Novos (ACN) e a Academia Jovem Espírito-santense de Letras (Ajel)

The Relationships between Academia Espírito-santense de Letras (AEL), Academia Capixaba dos Novos (ACN) and Academia Jovem Espírito-santense de Letras (Ajel)

Anaximandro Oliveira Santos Amorim*

Alarico de Freitas, Elpídio Pimentel, Sezefredo Garcia de Rezende (ACADEMIA, 2019, p. 15). Três nomes, duas coisas em comum: a primeira, terem sido as cabeças idealizadoras da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), em algum dia daquele julho de 1921. A segunda, o fato de, todos eles, serem jovens.

* Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Escritor. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira n. 40).

A história da AEL, portanto, se coaduna com a história dos jovens escritores capixabas. Do grupo de idealizadores, Alarico era o mais velho, já advogado e parlamentar, contava com 36 anos de idade; Elpídio, professor, tinha 26 anos, e Sezefredo, jornalista, era o mais novo: 24 anos de idade.



Retratos de Alarico de Freitas, Elpídio Pimentel e Sezefredo Garcia de Rezende.

Este breve ensaio tem por objetivo, portanto, discorrer sobre a relação que a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) teve, historicamente, com os jovens autores do Espírito Santo. A relação da instituição com a juventude, assim, se dá desde o início – e equivoca-se quem pensa que a AEL sempre foi um “galardão” para prolectos autores. Foram, aliás, esses mesmos “meninos”, imbuídos de um espírito de amor às letras e de impulsão da cultura capixaba que levaram à frente a formação da entidade, após várias sessões extraordinárias, desde a primeira, a 31 de junho de 1921, no antigo “Clube dos Boêmios”, até aquela considerada o marco de criação, a quarta, de 4 de setembro do mesmo ano, quando o primeiro estatuto foi aprovado (ACADEMIA, 2019, p. 15).

A primeira presidência da AEL ficou a cargo do Bispo Diocesano Dom Benedito Paulo Alves de Souza. Entendemos ter sido uma escolha madura: o religioso catalisaria em si a respeitabilidade que uma nascente instituição necessitaria, dando, também, uma pista do caráter mais conservador da associação. Pimentel e Rezende ficariam com os cargos de, respectivamente, primeiro e segundo

secretários e a Freitas caberia, juntos com os dois anteriores, a redação dos estatutos (ACADEMIA, 2019, p. 15).

A criação de uma Academia de Letras de âmbito estadual que, desde o seu nascedouro até os anos que se seguiram, arregimentou “jovens”, mas, também, “velhos”, não impediu que a “mocidade” da época se juntasse em outros grêmios. Na verdade, achamos até que foi fator de estímulo, vez que, mais adiante, surgiram o

[...] Grêmio Literário Domingos Martins, que a partir de 1932 se reunia na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, transformando-se, depois, no Centro dos Estudantes Capixabas; o Grêmio Literário Ruy Barbosa, a Academia Espírito-santense dos Novos, o Centro Acadêmico da Faculdade de Farmácia e Odontologia, o Centro Acadêmico José Marcelino, da Faculdade de Direito (NEVES, G., 2013, p. 7).

Todas essas instituições, criadas exclusivamente por jovens naquele início de século XX, quando Vitória vivia uma efervescência cultural ímpar (algumas instituições de importância para o meio haviam nascido no período o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916; a Academia Espírito-santense de Letras, em 1921; o Curso de Direito, em 1930), formaram a esteira pela qual nasceu, no ano de 1946, a Academia Capixaba dos Novos (ACN).

Os movimentos literários capitaneados por jovens não cessaram ao longo do século XX, havendo, após a extinção da ACN, a criação do “Clube do Olho”. No entanto, foi no começo do século XXI, mais precisamente no ano de 2001, que nasceu a Academia Jovem Espírito-santense de Letras” (Ajel), uma instituição que retomou, de uma certa forma, o trabalho da Academia Capixaba dos Novos.

Este trabalho não tem como objetivo contar a história da ACN e da Ajel. Para tanto, entendemos haver documentos que dão conta deste desiderato¹. Nosso

¹ Além do livro de Romulo Salles de Sá, *Academia Capixaba dos Novos - Os anos dourados da vida cultural de Vitória 1946-1952* (2013), confira também nosso artigo (AMORIM, 2014).

intuito é relacionar o papel da AEL como apoiadora das entidades “jovens” e apontar tal estado de coisas, ao fazermos uma breve digressão histórica dessas instituições. Foram escolhidas a ACN e a Ajel pois cremos (e apontaremos isso ao longo do texto) terem sido elas as mais emblemáticas e organizadas instituições desta natureza, deixando, inclusive, alguma historiografia bem organizada.

Entendemos que, neste século XXI, em que percebemos um “boom” não apenas de *sites*, *blogs*, perfis em redes sociais e até academias municipais de letras, é de importância registrar o papel daqueles que abriram os caminhos para tudo o que temos, hoje, revelando o pioneirismo e a garra do jovem capixaba.

A AEL e a Academia Capixaba dos Novos

Segundo Romulo Salles de Sá, a Academia Capixaba dos Novos (ACN) foi “um grupo de moços” que resolveu “fundar uma associação literária” (2013, p. 11). Ela foi fundada no dia 24 de outubro de 1946 e instalada “em sessão solene comemorativa do dia da Cultura, realizada na Associação Espírito-santense de Imprensa, em 08 de novembro do mesmo ano” (p. 13). A entidade foi fruto dos jovens idealizadores Renato José da Costa Pacheco, Nélcio de Faria Espíndula, Orlando Cariello e Antenor de Carvalho. Era um novo ciclo político no Brasil, com a Quarta República e o despontar de uma verdadeira experiência democrática no país, o que entusiasmou aquele grupo de jovens a fundar uma associação literária que, segundo Pacheco, em depoimento a Reinaldo Santos Neves:

A Academia Capixaba dos Novos, fundada em 1946 e que comandou a cultura vitoriense nos últimos anos da década de 40, nada tinha a ver com suas antecedentes [A Academia Espírito-santense dos Novos e o Grêmio Literário Rui Barbosa], de que seus membros não tinham nem consciência (NEVES, R., 2016a).

No que depreendemos ter a ACN deixado, consoante a Salles de Sá, um “passado” (2013, p. 12).



Rômulo Salles de Sá (presidente na época), João Francisco de Almeida, Valdir Ribeiro do Val, Orlando Carielo, José Carlos Lindember Coelho, Christiano Dias Lopes Filho, José Cupertino de Almeida, Antenor de Carvalho, Mário Gurgel (Fonte: Morro do Moreno, 2016).

A relação da ACN com a AEL, ao que tudo indica, vem desde sua criação. De fato, naquele 08 de novembro, a sessão de instalação já contou com a presença de dois acadêmicos, quais sejam, Guilherme Santos Neves e Eurípedes Queiroz do Valle, seu presidente e grande entusiasta dos ideais dos moços, que dizia ser a Academia dos Jovens “a porta de entrada’ da Academia maior” (VALLE, apud SÁ, 2013, p. 16).

A relação entre AEL e ACN continua ao longo dos anos de existência desta (1946-1952). Não havia apenas entusiasmo, mas também ajuda material: as reuniões dos jovens se davam:

[...] aos sábados, com início às 14h30min em uma das salas do terceiro e último andar do Edifício do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo, hoje Banestes, sede da Academia Espírito-santense de Letras, localizado na Praça Oito, palco de grandes concentrações cívicas, culturais e de cunho reivindicatório no passado (SÁ, 2013, p. 13).

Tal relação se materializava, claro, em reconhecimento por parte dos jovens. Eurípedes Queiroz do Valle ganhou o título de “benemérito” e também foi para o rol de “honorários”, junto com vários outros particulares de importância para a entidade, dos quais relacionamos, como membros da AEL (SÁ, 2013, p. 36): Guilherme Santos Neves; Augusto Emílio Estelita Lins; Heráclito Amâncio Pereira;

Nelson Abel de Almeida; Eugênio Lindemberg Sette; Clóvis Rabello; Ivo Amâncio de Oliveira; Carlos Xavier Paes Barreto; Ciro Vieira da Cunha; Kosciusko Barboza Leão; Alberto Stange Júnior; Hilário Sigismundo Soneghet.

Ora, se todos esses membros da AEL constam de um rol dessa natureza é porque eles, obviamente, individual ou em conjunto, alguma contribuição deram aos jovens. Dá para notar que a presença dos imortais da AEL é considerável e não tardaria para que membros da ACN migrassem para a Espírito-santense, sendo o primeiro Renato Pacheco (SÁ, 2013, p. 37):

[...] a sua eleição para ocupar a Cadeira nº 33 da Academia Espírito-santense de Letras e que tem como Patrono o Dr. José Horácio Costa, avô materno de Renato e de quem herdou o talento e o gosto, a vocação para o magistério.

Renato ingressa jovem na AEL, aos 26 anos de idade. Não apenas ele, mas outros quadros a Academia Capixaba dos Jovens também são eleitos para os quadros da AEL. Até 1951, do rol de vinte das 40 cadeiras ocupadas, além de Pacheco, os seguintes autores fariam parte da Espírito-santense (SÁ, 2013, p. 15): Romulo Salles de Sá; Christiano Dias Lopes Filho; José Carlos da Fonseca.

A ACN teve vida curta, como, aliás, é característica de instituições criadas por jovens. Mesmo assim, ela foi pródiga em eventos e produção literária. Sua extinção, em 1952, não impediu que jovens autores, imbuídos do mesmo espírito, continuassem a se arregimentar em entidades de matizes diversos. Só bem mais tarde, quase meio século depois, outra academia, formada também por jovens, retomou, de uma certa forma, os ideais da ACN, não sem o auxílio da AEL, no que fosse preciso e possível.

A AEL e a Academia Jovem Espírito-santense de Letras

Jeová de Barros foi o último presidente da ACN e, com o fim da instituição, ele e alguns de seus membros acabaram migrando para o chamado “Clube do Olho” que, a rigor, não foi uma academia, mas um grupo de jovens autores também formado por Xerxes Gusmão Neto, Cláudio Antônio Lachini, Olival Mattos Pessanha, Carlos Chenier (NEVES, R., 2016). Era um grupo com intenções muito mais ideológicas, políticas, mas que também realizou feitos de relevância, enquanto atuante².

A ideia de se criar uma academia de jovens só foi retomada décadas mais tarde, mais precisamente, no começo do século XXI. A Academia Jovem Espírito-santense de Letras (Ajel) foi idealizada pelo “escritor Leonardo Monjardim, bacharel em Direito e então presidente da Associação Filatélica e Numismática do Espírito Santo” (AMORIM, 2014, p. 10). A iniciativa já nasce em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, pois, segundo Monjardim (apud AMORIM, 2014, p. 10):

A proposta de criação de uma Academia de Letras só para jovens surgiu-me no início daquele ano [2001], quando elaborei o projeto e o apresentei ao então Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, o Professor Francisco Aurélio Ribeiro, que gentilmente o expôs em reunião aos demais membros da Instituição, subsequentemente aprovando e confirmando a parceria entre as duas Academias – as dos Jovens e as dos Consagrados.

Aliás, a própria escolha dos 25 nomes iniciais, dentre 33 concorrentes, se deu, também, com ajuda de uma comissão formada entre os próprios acadêmicos da AEL. Desses, uma vintena apareceu na primeira reunião, ocorrida “na sede da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), no dia 23 de julho de 2001, um sábado, fato, inclusive, alardeado pela mídia” (AMORIM, 2014, p. 11). A data ficou escolhida, também, como a de fundação da Academia.

² Um deles foi a “Semana de Arte Moderna Capixaba”, que teve desdobramentos (NEVES, R., 2016).

A Ajel durou de 2001 a 2008, aproximadamente, quando deu seu canto de cisne. A despeito da pequena duração, a Academia consegue várias realizações, como três antologias, participação em concursos literários e iniciativas culturais e criação de um sarau, “com periodicidade mensal, a partir do início de 2002, dentro de dois shoppings da capital capixaba” (AMORIM, 2014, p. 17). A entidade, ao longo de sua atuação, conseguiu preencher suas 40 cadeiras, além de contar com estatuto e até fardão! A posse dos primeiros acadêmicos, em número de 25, ocorreu no dia 17 de julho de 2001 (p. 14).

Para que a posse ocorresse, foi necessário um patrocínio, que contou com doações de pessoas jurídicas e físicas. No rol destas, figuraram acadêmicos da AEL, como Ester Abreu Vieira de Oliveira e Gabriel Augusto de Mello Bittencourt (AMORIM, 2014, p. 15). Nesse dia 17 de julho, data da posse dos fundadores, também foi observada a presença de Maria Helena Teixeira de Siqueira, primeira mulher a presidir a AEL, Gabriel Bittencourt, Maria Beatriz Figueiredo Abaurre, além de Maria das Graças Silva Neves e Francisco Aurelio Ribeiro (respectivamente, a “madrinha” e o “padrinho” da Ajel). Todos eles foram homenageados pelos jovens. Coube a Francisco Aurelio o discurso aos “moços”:

Se me couber algum papel, neste momento, é o de aconselhá-los. Primeiro: não se iludam com o ‘fardão’ e o título de ‘acadêmico’; isso não tem a menor importância; segundo: não se preocupem com as críticas; só atiram pedras em árvores que dão frutos, já nos diz o vulgo e, por último, leiam muito. Borges, o grande escritor argentino, nos ensina que é mais importante ler do que escrever. Não se preocupem em publicar, logo. Deixem os textos amadurecerem (apud AMORIM, 2014, p. 16).

E, assim, estava chancelada a Academia Jovem Espírito-santense de Letras que, durante sua existência, tal como a ACN, reunia-se sob a guarda da AEL, na casa de Kosciusko Barbosa Leão, na Cidade Alta. Um período que contou com muitas ações e parcerias entre as duas instituições.

Da Academia Jovem, até a feitura deste breve ensaio, apenas dois autores chegaram aos quadros da Academia Espírito-santense de Letras: Leonardo

Passos Monjardim (Cadeira n. 22) e Anaximandro Oliveira Santos Amorim (Cadeira n. 40). Muitos autores dessa fase continuam produzindo, alguns até em academias regionais. Talvez, no futuro, outros membros dos “jovens” poderão, a exemplo do que aconteceu nos anos da ACN, preencher mais quadros da AEL.



Leonardo Monjardim (Foto sem crédito) e Anaximandro Amorim (Foto de Igor Patrício), membros da Academia Jovem Espírito-santense de Letras.

É muito comum, como vimos, em movimentos culturais capitaneados por jovens, a pouca duração. Natural: confrontados com as responsabilidades da vida adulta, o jovem autor acaba tendo de abdicar de sua participação em instituições dessa natureza, sobretudo considerando um país naturalmente avesso ao fazer cultural, muitas vezes encarado como algo supérfluo, quando não, subversivo.

Ainda assim, relatar a contribuição de moços e moças, na tentativa de não apenas um fazer cultural, mas na importância de um legado, mostra a importância desses atores como, no mínimo, um exemplo de idealismo que atravessa as décadas, se tomarmos como a Academia Capixaba dos Novos (ACN), nos anos 1940, e a Academia Jovem Espírito-santense de Letras (Ajel), nos anos 2000.

Claro, outras agremiações nasceram e morreram no interregno entre as duas. No entanto, achamos ter traçado, ainda que brevemente, em respeito à extensão deste ensaio, as relações relevantes entre as três academias (AEL, Ajel, ACN).

Certamente, o maior dos pontos de concórdia é o apoio da Academia Espírito-santense de Letras a esses jovens, fazendo valer seu papel natural enquanto entidade que fomenta a literatura e o fazer literário.

A ACN, a Ajel e tantas outras academias e agremiações passaram. A AEL, no entanto, conseguiu se estabelecer neste primeiro centenário, tornando-se, inclusive, a nova morada para alguns desses jovens, cujas promessas conseguiram concretizar. Um fenômeno a ser observado pelas vindouras gerações que, certamente, contarão com o histórico apoio da “academia maior”, para a concretização dos tantos pendores literários do Espírito Santo.

Referências:

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. Introdução. In: _____. *Patronos & acadêmicos*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2019. (Coleção José Costa, v. 28). p. 15-22.

AMORIM, Anaximandro. Breve histórico da Academia Jovem Espírito-santense de Letras (AJEL). *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, nov. 2014.

NEVES, Getúlio Marcos Pereira. Prefácio. In: SÁ, Romulo Salles de. *Academia Capixaba dos Novos - Os anos dourados da vida cultural de Vitória 1946-1952*. Vitória: Edição do Autor, 2013.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>>. Acesso em: 1º jan. 2021a.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/quarta-parte-de-1951-1978.html>>. Acesso em: 2 jan. 2021b.

MORRO do Moreno. *Academia Capixaba dos Novos*. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/site_2016/materias/academia-capixaba-dos-novos.html>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SÁ, Romulo Salles de. *Academia Capixaba dos Novos - Os anos dourados da vida cultural de Vitória 1946-1952*. Vitória: Edição do Autor, 2013.